REPRESENTAÇÕES DE ESCOLA, DE PROFESSOR/A E DE SABER NA VISUALIDADE HUMORÍSTICA DOS DAS.

Simone Olsiesky dos Santos
UFRGS/SMED/PMPA
olsiesky@yahoo.com.br

Rosa Maria Hessel Silveira
UFRGS/ULBRA
rosamhs@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar as representações de gênero e de professor/a trazidas pelos desenhos animados "*As Terríveis Aventuras de Billy & Mandy*" (*The Grym Adventures of Billy & Mandy*) e "*Os Anjinhos*" (*Rugrats*), considerando, em especial, a sua conexão com o humor. A perspectiva adotada foi a dos Estudos Culturais pós–estruturalistas, contando com aportes de outros campos de estudo como o da comunicação e psicanálise lacaniana. Para a consecução do objetivo, foram selecionados, transcritos e analisados episódios dos referidos *DAs* exibidos entre 1991 e 2010 pelos canais por assinatura *CartooNetwork* e *Nickelodeon*. As reflexões desenvolvidas partiram de uma investigação maior realizada em minha pesquisa de doutorado na UFRGS. Busquei olhar, na narrativa dos desenhos animados, as representações dos/as personagens, especialmente as/os infantis, articulando-as aos conceitos de gênero, poder, transgressão, escola, entre outros a eles articulados. Na abordagem dessas questões, foi enfatizado o uso do humor como recurso textual potente, artifício do qual se valem os desenhos animados na fabricação de estereótipos que produzem o sujeito infantil. Em relação às representações de escola e docência foi possível verificar algumas rupturas com a figura "consagrada" de professora (afetiva, dedicada e maternal). Entretanto, as representações de escola e de ensino não diferem do modelo tradicional da escola moderna, englobando seriação, organização de tempos e espaços, priorizando conteúdos e avaliações por conceitos. Nos outros espaços educativos analisados nos episódios recortados, há claras relações de poder, governamento e controle. Em síntese, observou-se que, nos discursos dos referidos desenhos direcionados para o público infantil, é possível visualizar estereótipos que agem na produção de subjetividades femininas e masculinas, as quais atuam enquanto pedagogias culturais.

Palavras-chave: Desenho animado, Representações de escola, Representações de professor(a).

REPRESENTAÇÕES DE ESCOLA, DE PROFESSOR/A E DE SABER NA VISUALIDADE HUMORÍSTICA DOS *DAS.*

Analisar as representações de gênero e de professor/a trazidas pelos desenhos animados *As Terríveis Aventuras de Billy & Mandy* (*The Grym Adventures of Billy & Mandy*) e "*Os Anjinhos*" (*Rugrats*), considerando, em especial, a sua conexão com o humor, é o principal objetivo deste trabalho. A perspectiva nele adotada é a dos Estudos Culturais pós–estruturalistas, contando com aportes de outros campos de estudo como o da comunicação e psicanálise lacaniana. Para a consecução do objetivo, foram selecionados, transcritos e analisados alguns episódios dos referidos *DAs* (desenhos animados) exibidos entre 1991 e 2010 pelos canais por assinatura *CartoonNetwork* e *Nickelodeon.* As reflexões desenvolvidas partiram de uma investigação maior realizada em pesquisa de doutorado na UFRGS. Nela se buscou olhar, dentre uma variedade de artefatos culturais, a TV, a partir da narrativa dos desenhos, e, nesses, os discursos, as tramas que ali se formam. Entendemos que tais narrativas, como numa rede, produzem representações dos/as personagens, representações de gênero, poder, transgressão, escola e professor/a. Tais discursos circulam e são resultado de práticas discursivas que se estabelecem a partir de relações de poder, atribuindo significados, construindo verdades e produzindo saberes. Na abordagem do presente texto foi enfatizado o uso do humor como recurso textual, potente, artifício do qual se valem os desenhos animados na fabricação de estereótipos que produzem os sujeitos.

1. REALIZANDO AS ANÁLISES EM AS TERRÍVEIS AVENTURAS DE BILLY & MANDY:

Apresento neste trabalho alguns fragmentos dos blocos selecionados na pesquisa, tecendo análises e articulando com o referencial utilizado a partir das leituras que me foram possíveis. Para iniciar as análises apresento, do *DA* acima citado, o episódio "Qual veio primeiro?". Inicia-se o episódio com as crianças num ônibus escolar a caminho de um museu. Billy (um dos personagens centrais, caracterizado como um menino ingênuo, com dificuldades nas aprendizagens, por vezes acaba se envolvendo em confusões para as quais necessita do apoio dos amigos), comenta com Puro Osso (personagem que é o Ceifador das almas e que após perder uma competição no limbo,

recebeu por castigo a incumbência de tomar conta das personagens crianças do desenho) e Mandy (personagem menina, que se caracteriza por sua sagacidade, coragem e perspicácia. É ela quem soluciona os problemas criados pelo amigo Billy): *Sorte que estamos no moderno ônibus escolar que vai nos conduzir a salvo por este grande deserto*! Neste momento o ônibus faz uma parada brusca, sinalizando que quebrou. É possível ler na lateral do ônibus escolar os dizeres: Escola legal (*School cool*).

A professora de pé, então, ao centro do ônibus, se dirige aos alunos dizendo: *Bem, turma, parece que nossa excursão ao museu de ciências não vai ser hoje. Então, vamos trazer a ciência até nós!* Ela está posicionada em frente aos alunos vestindo um vestido fechado por botões e colado ao corpo delineando suas formas. A presença do vestido justíssimo, sapato de salto e óculos gatinha reforçam não só a jovialidade da mestra, o que poderia promover uma aproximação com os/as alunos/as, como também reforça um estereótipo sedutor: o da professora "gostosona", que é uma das várias imagens que têm sido associadas, historicamente, à docência.

Na sequência, Billy dispara porta afora e sai do ônibus gritando*: Brincar no deserto, brincar no deserto*! O aluno Pudim se dirige a Sperg (colega de escola que sempre intimida os demais e espanca os alunos menores e fracos fisicamente), pega em sua camiseta e o sacode dizendo: *Nunca vamos chegar em casa, vamos acabar comendo uns aos outros para sobreviver*! Sperg franze o cenho e, fazendo cara de mau, passa a língua ao redor da boca como se estivesse esperando para comer algo delicioso, no caso, os colegas! *Billy* olha para ele e pergunta: *Tá olhando o que, Sperg*?

Temos aí uma forma de sátira ou paródia (de humor negro) a situações limite de canibalismo humano que a mídia já consagrou. Vale relembrar que, na sátira, temos configurada a vertente da arte mais associada ao requinte, mas também temos o caráter popular, como Bakhtin analisou na cultura cômica da Idade Média. Assim, associada à reflexão de caráter sociológico e político, a comicidade propicia que os espectadores participem, tornando-os ativos, satirizando da maneira mais concreta possível certas características especiais das pessoas, do contexto sócio-cultural-político. Para Gomes (2009, p. 152), "o riso, um tipo de humor ou piada, só tem significado dentro de um contexto sócio-histórico e temporal"; além disso, o autor pontua que "a relação com o riso é uma relação de cumplicidade. Precisamos de um grupo para que nosso riso tenha significado".

Dando seguimento ao fragmento selecionado das *Terríveis Aventuras*..., na sequência do episódio, a imagem dos personagens criança Billy e Irwin assumem a for-

ma, respectivamente, de lanches: tomando Irwin a forma de um hambúrguer e Billy, de um *Milk shake.* Pergunta Irwin*: E o que tá olhando?* E Billy responde*: Deixou cair um picles.* E responde o primeiro: *Ah, sim, valeu!* , juntando o picles e recolocando na cabeça. Toda a cena é grotesca e engraçada.

Propp (1995, cap. 10), em suas análises sobre as raízes do cômico, observa o quanto a aproximação da aparência dos homens à dos animais tem sido usada como fonte de humor; além disso, ele afirma que "a representação do homem como coisa é cômica pelas mesmas razões e nas mesmas condições em que é cômica sua representação em vestes de animal" (p. 73). Também podemos explicar o humor resultante dessa aproximação entre os meninos e os lanches por teorias mais recentes sobre o humor. Assim, segundo Raskin (*apud* Davel, 2009, p. 11),

> As noções básicas para que um texto faça humor fundamentam-se em ser compatível, total ou parcialmente, com dois *scripts* e estes devem apresentar oposições de: real/não real, esperado/não esperado, plausível/não plausível. O efeito humorístico se faz, então, pela sobreposição de um segundo *script* sobre o primeiro, o que forma a interpretação diferenciada do texto.

Assim, no caso acima, com a superposição dos meninos e dos lanches, é o deslizamento, a ambiguidade e a surpresa que provocam o humor e desses expedientes os DAs se valem amplamente.

Na sequência do desenho, PO afirma, sorridente: *Crianças comendo crianças, isso pode ser muito divertido!* Já a professora, segurando algumas pás de escavação, olha para as crianças e fala: *Turma, hoje vamos encontrar fósseis, todo mundo pega uma pá e começa a escavar.* Enquanto fala, ela está se abanando com um leque, demonstrando o calor ambiente. *Escavar? Isto é trabalho escravo. Vou falar com meus advogados!*, comenta Mandy muito incomodada. Na fala de Mandy, ainda que pela via da sátira, percebe-se algo que se tornou corriqueiro nos dias de hoje. Refiro-me na atualidade aos alunos e às crianças em geral, que se sentem amparadas pelos direitos que os protegem, como do ECA e a própria Constituição Federal, no caso brasileiro, e sabem reclamá-los prontamente quando os julgam desrespeitados. É claro que o episódio acima do DA contém nuances irônicas e é narrado satiricamente; mas, guardadas as proporções, a ficção e o humor são construídas a partir dos elementos do contexto atual e não estão tão distantes das relações entre alunos e professores nas escolas.

Trata-se, pois, de cenas que demonstram uma inversão de papéis nas quais as crianças se valem de autoridade para ameaçar os adultos e burlar regras. No caso do desenho, a professora está agindo de forma impiedosa, como a fala a seguir demonstra: *Ah! Façam mais esforço, crianças! A estrada do saber é cheia de dor.* A professora encontra-se

sentada numa cadeira espreguiçadeira, embaixo do guarda-sol, tomando água de coco, enquanto as crianças estão ao sol do deserto fazendo as escavações.

Configura-se, evidentemente, a representação de uma personagem professora de caráter duvidoso, que parece seguir o seu próprio código de ética, pautado numa representação muito próxima dos antigos vilões de DAs. Ela assume uma posição de poder repressor, quase um elemento pernicioso que se vale de sua autoridade para dominar os sujeitos infantis (no caso os personagens-criança) e, além disso, escarnece da posição em que as coloca, na medida em que usufrui de uma situação de conforto físico. Sua postura escapa daquela da "professora moralmente inatacável" que ecoa há décadas na cultura, em que, associada à imagem de professora, surgia a figura de mulher assexuada. A professora do DA se vale da autoridade, mas também, de alguma estratégia de sensualidade (marcada na roupa justa, na maquiagem e nas próprias atitudes), escapando da ótica criada nos discursos que tradicionalmente caracterizam as professoras de séries iniciais e educação infantil. As crianças, por sua vez, demonstram seu inconformismo de uma forma nada sutil, mas acabam se submetendo às ordens da professora. Em um sentido – o da autoridade de que um professor usufrui para ditar ordens que devem ser seguidas pelos alunos – o desenho está reproduzindo uma representação já secular da escola moderna. Por outro lado, em se tratando da representação docente, há um rompimento com a figura da professora "tia" meiga, gentil, maternal bondosa modelo de virtude.

De qualquer forma, é importante salientar que não existe um único estereótipo de professora, em todas as suas dimensões. Silveira (2002), ao realizar estudo em que analisou as representações de professora em numerosos textos narrativos de crianças de ensino fundamental e em livros de literatura infanto-juvenil, encontrou representações que remetiam tanto ao ensinar, ao vigiar e controlar, quanto ao afeto e ao carinho, ao mau-humor (bastante comum na literatura infantil), à brincadeira e diversão, à mediação de conflitos e, finalmente, ao que a autora chama de "professora desviante" – a professora irresponsável, que abandona os alunos, ou a professora medrosa, que não sabe o que fazer em uma situação limite, ou a professora ridícula, que expressa seu medo e susto. Entretanto, não houve, no inventário feito pela autora, nenhuma ocorrência de professora sem ética e não solidária, como seria o caso do DA acima relatado.

A seguir, trazemos outro episódio: "Escola de Magia do Sapo Cururu" (*Toadblatt's School of Sorcery*), do mesmo desenho animado, que retrata uma escola nada convencional, na qual, além do diretor ser um sapo, ele é também um mago. Neste epi-

sódio há uma exacerbação de cenas de vingança e sabotagem, todas retratadas de forma hilariante como veremos.

> *PO: Primeiro dia de verão não é maravilhoso?*
> *Mandy: Muda de assunto, Puro Osso!*
> *PO: Qual é o problema de vocês?*
> *Billy: Vou para o acampamento matemático.*
> *Mandy: Vou para o acampamento feminino da alegria e gentileza argh! (fazendo cara de nojo)*
> *PO: Mas que horror! Mandy: O ônibus chega em minutos.*
> *PO: Querem uma ajuda? (fazendo aparecer magicamente um guia da escola de magia de verão do Sapo Cururu)*
> *Billy: Maneiro!*

A seguir, estaciona um ônibus com os dizeres *Escola de Magia do Sapo Cururu* e PO adverte as crianças de que o ônibus chegou. Eles entram e partem rumo à Escola de Magia que se encontra em um castelo. Este castelo lembra muito a escola na qual se passam as histórias de *Harry Potter*, num evidente exercício de intertextualidade. O diretor está sentado em uma confortável poltrona, em sua sala, vestindo um chapéu semelhante ao das bruxas, com estrelas amarelas e na cor lilás. Em relação à cena, pode-se pensar que a condição do Diretor Cururu, um professor, portanto, inscrito no gênero masculino, aparece associada à representação do sábio, inventivo, inteligente, dotado de conhecimentos e poderes que extrapolam a normalidade, de forma semelhante aos professores de ciência analisados por Wortmann (2002).

O personagem apresenta-se elogiando a escola e referindo o quanto formou grandes magos, feiticeiros e bruxos conhecidos pelo mundo, e observa: *Se já houve um número 1 entre eles*... Ao que Billy se precipita e diz: *Quero ser ele*! O *Diretor Cururu* retruca, então: *Segure-se, rapaz.*

Após, na apresentação inicial das crianças, cada uma vai recebendo um "chapéu", na verdade uma lula (animal) falante, para identificação de qual escola irá frequentar: Weaselthorpe ou Gunderstank. Ao chegar sobre a cabeça de Billy, que exclama *Hi, hi, hi, faz cosquinha!*, a Lula comenta: *Nossa, esse aqui é um jarro vazio!*

> *Diretor Cururu: Uma mente fértil e aberta para aprender?*
> *Lula: Não, ela é vazia. A cabeça dele é oca feito um coco! Melhor mandar para Weaselthorpe...*
> *Diretor (esbravejando): Eu odeio Weaselthorpe!!! Não passam de uma gente estranha. Aquela é a pior casa da escola. Eles me desenharam na parede do banheiro! Não perdem por esperar!*

Ao analisarmos as representações de escola deste fragmento, podemos observar nuances que em relação a representações de docentes e de escolas tradicionais. A

este respeito, Wortmann (2009) acentua que os ensinamentos nos filmes e nas produções de TV que abordam a temática das escolas de magia não só não "subvertem a ordem escolar ou da sociedade, como pelo contrário, (...) consagram tal ordem, ao mesmo tempo que destacam questões cruciais de nossa época — o culto à tecnologia, o racismo, as diferenças sociais, a morte, o amor, a segregação dos diferentes (...)" (WORTMANN, 2009, p 134).

A partir da sátira, o DA nos leva a refletir sobre outras possibilidades de relações sociais na escola, talvez mais articuladas com questões contemporâneas, de classificação e rotulação. Em outros estudos, que não o de Silveira, já citado anteriormente, há uma argumentação de que a representação dos professores (em especial das professoras) está fundamentada na afetividade e sensibilidade, especialmente em suas relações com os alunos, assim como está conectada com a abnegação e o sacerdócio. Em muitos filmes voltados ao consumo infantil, por exemplo, esta é a visibilidade que Hollywood, por exemplo, constrói para imagem de professor/a. Outra questão é que estes DAs enfatizam uma outra posição que não a de caráter essencialista que associa a atividade de docência, em especial a dos anos iniciais, às mulheres (COSTA, 1995). No caso do episódio analisado, rompe-se esta associação, pois se trata de professores homens, enfatizando o gênero masculino — o sapo e PO. Em comparação com o fragmento anterior, podemos dizer que não há uma distinção de docência baseada nas diferenças sexuais, pois a professora do episódio *Professora Substituta* demonstrou (pela via da crueldade) ter tanta autoridade quanto o sapo ou PO no fragmento acima (pela via da magia).

Devemos considerar que muitas das representações visibilizadas no fragmento não se aplicariam a uma sala de aula de uma escola real. Afinal, os professores PO e o Diretor Cururu são apresentados como anti-heróis que, através do uso da magia e até mesmo da violência, mantêm a ordem e resolvem os problemas de indisciplina dos alunos, como demonstra o desfecho do episódio, no qual Nigel Planter é colocado numa arena para uma luta com um monstro de um olho só. Os sentidos ali produzidos, relembro, são um conjunto de práticas discursivas e, portanto, instituem verdades sobre alunos, escola, e mesmo sobre o professor.

É importante pontuar que, neste fragmento, a escola segue sendo retratada como um espaço de competição, no caso entre as casas Weaselthorpe e Gunderstank. Os alunos, na sequência do episódio, realizam sabotagens para alcançar a vitória na

competição estabelecida e demonstram que todos os meios são autorizados buscando alcançar um fim.

Em outro episódio, também são referidas questões sobre a racionalidade na solução de problemas, características marcadas na p*erformance* da personagem-menina Mandy. E novamente a temática escolar surge e nos possibilita fazer uma analogia entre o modelo de escola que é apresentado: uma escola de magia, para formação de bruxos, que se diz diferente e, no entanto, tem formas de avaliação e progressão que se fazem presentes nas escolas mais tradicionais como a repetência e avaliação baseada em conceitos. Dando seguimento, abaixo, recorto os fragmentos do episódio.

Mandy vê, adiante de onde o grupo se encontra, um castelo e pergunta a Nigel se se trata da Escola de Magia. Nigel afirma que sim, e diz que o diretor Cururu (um sapo) transforma a área ao redor da escola para as provas de recuperação. Nigel pede ajuda para Mandy, dizendo:

> *Nigel: Eu fiquei em "Contrafeitiço", vou ter de passar o verão inteiro aqui! (ao que o Diretor Cururu responde);*
> *Diretor Cururu: E vai passar o resto da eternidade aqui! Igualzinho a seu pai! (esbravejando, de punhos cerrados esmurrando o ar.) (Neste instante, aparece uma outra sala na qual está escrito "Recuperação para bruxarias II do castelo-escola", onde a Lula aplica um teste no Senhor Planter, suposto pai de Nigel.)*
> *Professor(a) Lula: Bem, Senhor Planter, já deu quase para passar no seu trigésimo segundo ano na Cururu, o senhor tirou um "F" mais.*
> *Senhor Planter: Uhu! Eu ainda estou no segundo ano!*

Dando seguimento às representações de escola seguimos com um fragmento do episódio *Puro Osso na Escola (Educating Grim).* Este inicia com uma telenovela de amor e PO *à* vontade sentado no sofá, comendo uma coxinha de galinha e assistindo TV. Surgem Mandy *e* Billy vestidos com uniforme escolar e mochila nas costas. Ela desliga a TV sem avisar e diz para PO andar rápido para não se atrasar para escola, ao que ele responde:

> *Eu sou o Ceifador Sinistro, não tenho que ir para a escola! (E segue comendo sua coxinha de galinha.)*
> *Billy: Neste episódio você tem que ir, simmm!*
> *PO: Mas eu não quero! Ohh! (Chorando copiosamente)*
> *Mandy: Ia ter que acabar indo!*
> *Billy: Escola é legal! Vamos apostar corrida! (Billy sai correndo e se choca com a placa de Escola, ficando com o olho roxo; cumprimenta a enfermeira escolar Pembroke. Ela medica Billy, demonstrando já estar habituada a atendê-lo).*
> *Mandy (ao ingressar na escola): O mal se esconde nestes corredores.*
> *PO: O mal? Mas todos estão felizes e despreocupados?!*
> *Mandy: Mas aí é que está, PO. Lembre-se disso!*

A seguir surge a arquiinimiga de Mandy, Mindy, e ela quer saber quem é o amigo que Mandy trouxe para escola, no caso Puro Osso. Mandy apresenta PO como o novo intercambista que veio do submundo. Ao que Mindy questiona:

Mindy: Onde fica isso?
Mandy: Por que não vai para lá e descobre?
Mindy Qual o nome dele?
Mandy: O nome dele é Puro Osso.
Mindy: Prazer, Puro Osso, todo amigo da Mandy também é meu amigo.
(E sai puxando PO pela mão, deixando Mandy com uma cara de furiosa)
PO: Então somos amigos? Esta foi fácil!

Irwin então comenta com Billy que Mindy tirou a "única esperança deles" ao que Billy diz que não. E afirma que existe outra esperança; usando um apito, chama Abraham Lincoln. A partir daí o personagem histórico responsável pela abolição da escravatura nos Estados Unidos passa a fazer parte do episódio, participando da rotina do dia escolar das crianças.

Através da paródia são mostradas cenas da merenda escolar e de situações nas quais as crianças se encontram vivenciando cenas do contexto escolar ao lado do personagem Abraham. Entretanto, este desperta o medo em Irwin, que tem de ser acalmado por Billy. A figura histórica é retratada como um desbravador, com um machado em punho, contudo, atrapalhado, equivocando-se inclusive quando tenta compor os próprios discursos (situação que é mostrada no episódio). As próprias crianças que "invocaram" sua presença pela via dos poderes sobrenaturais, não parecem lhe atribuir grande credibilidade. Conforme Bremmer; Roodenburg (2000), esta é uma das perspectivas que o humor possibilita: tratar temas de comportamento jocoso do passado, por exemplo, revelando atitudes e valores relativos à identidade de etnia ou à determinada sociedade.

Mandy não desiste de recuperar a amizade de Puro Osso chamando-o para uma conversa em particular; então ela esclarece de onde vem seu rancor por Mindy. A cena é mostrada por meio de um *flashback* da infância das personagens quando Mindy mudou-se para o bairro e Mandy tenta estabelecer amizade com a mesma. Contudo, esta se irrita com o egocentrismo e a tagarelice de Mindy e acaba por mandá-la se calar. Mindy ofendeu-se e, desde aquele dia, não admite que ninguém seja amigo/a de Mandy, já que ela própria não pode sê-lo.

Percebe-se que aqui a transgressão aparece marcada na figura da personagem Mindy, ao longo de todo episódio, caracterizada pela presença de uma espécie de "du-

plo", ou seja, sua imagem duplicada e transformada como se fossem outras Mindy. Estas surgem como uma segunda voz instigando a menina a cometer atos maldosos, além de possuírem um aspecto distinto, em algumas características físicas, como terem uma estatura menor e uma aparência nada encantadora, lembrando demônios. Esta prática de significação reforça o quanto há uma mudança de paradigmas na representação das meninas, agora refratada em competitividade, estabelecendo distintas relações (se comparadas com personagens anteriores), naturalizando certas atitudes e comportamentos. De certa forma, o desenho vai moldando significados sobre ser menina. Inteligente, perspicaz, não tão racional quanto sua rival Mandy, é Mindy; contudo, as duas estão despojadas da doçura e fragilidade que caracterizou, por exemplo, outras personagens meninas em desenhos animados. Há um apelo ao poder, o que demonstra uma inversão de posição onde a infância feminina é mostrada não mais como "assujeitada ao adulto". Entretanto, apoiando-me nos argumentos da psicanálise lacaniana, lembro que esta condição de submissão tem sido apontada como necessária, por provocar na criança um desejo de crescimento em confronto com as impossibilidades de ordem real.

Percebe-se que o público é claramente interpelado na trama quando o personagem Billy refere à questão de que, neste episódio, Puro Osso terá que ir a escola, mesmo não querendo. Assim, estabelece-se uma conexão entre telespectador e futuros episódios que teremos que nos disponibilizar a ver. E nestes, não necessariamente o Ceifador terá que lidar com uma educação formal direcionada para a escolarização. Outro fator relevante aparece na fala tanto de Mandy quando diz: *Ia ter que acabar indo* e, posteriormente, na de Billy*: Escola é legal!*

A fala da personagem menina presentifica o inevitável - ter de ir para escola - a escola como obrigatoriedade, sendo esta uma forma de educação da qual as crianças não podem escapar. O ensino é reforçado como obrigatório, emergindo como um espaço fundamental de formação. Já na fala de Billy há um apelo à escola como local social de construções de relações afetivas, um "ambiente legal."

Assim, podemos inferir que o endereçamento de alguns dos episódios busca uma abrangência maior em termos de faixa etária, bem como envolve interesses relativos à propagação da cultura nacional americana, ainda que o desenho esteja difundido no âmbito global, captando espectadores das mais diversas nacionalidades, especialmente, o público infantil, público este que, dificilmente terá um nível de informação histórica que lhe possibilite interpretar de forma satírica as sutilezas da trama. Mesmo

porque tais espectadores (crianças pré-escolares) dificilmente estão formalmente alfabetizados, para terem compreensão de fatos históricos marcados pela cultura de onde partem — EUA. Entretanto, ainda que vários aspectos históricos tenham sido abordados pela via da comicidade, cabe salientar que o desfecho do episódio nos aponta para uma ênfase da escola, enquanto um espaço para construção de laços sociais, valores morais e afetivos, local onde se aprende outros conhecimentos, além dos formais/ acadêmicos. Pelo desfecho do DA é possível inferir que o mais importante nela é a socialização e a amizade.

2. REALIZANDO AS ANÁLISES EM OS ANJINHOS

Já num fragmento do episódio *O Rei do Bowling*, do DA *Os Anjinhos*, vamos observar, pela via da paródia, a visibilização de um discurso que é fonte de legitimação de determinados conhecimentos sobre os infantis — o discurso do *expert*, aqui marcado na figura da *baby-sitter* e sobre a relação das crianças com a TV. O episódio traz à cena a velha discussão sobre o caráter educativo ou não da TV, fazendo refletir, no caso do DA, sobre a utilidade na educação das "personagens crianças". Assim, mostra a realidade de pais que confiam a educação dos filhos a pessoas fora do círculo familiar, enquanto eles estão se divertindo e tais pessoas vêem na TV um meio eficaz de distrair as crianças por meio da programação infantil.

Phil: O que é este lugar, Tommy?
Tommy: Eu não sei.
Lil: Acho que é uma garagem.
Phil: Acho que é uma caverna
Chuckie: Eu acho que é uma fábrica de terremoto...
Angélica: Uma fábrica de terremoto! Ai, meu Deus! Vocês são mesmo uns bebezinhos bobocas. Acho que não sabem nem de que lado mamar na mamadeira! Isto é uma pista de bowling.
Tommy: O que é isso?
Angélica: Uma pista de bowling é um lugar onde gente velha põe o sapato de palhaço e joga pedras grandes em garrafas de leite para poder ganhar um campeãonato!
Lil: Campeãnato?
Angélica: Campeãnato é um lugar para ver quem nasceu campeão. Como todos acham que nasceram assim, eles jogam para ver quem é que tem razão. Ãnnnn! (Suspira Angélica diante da desinformação dos amiguinhos.)
Uauuuuuuu! Todos os bebês suspiram com ar de perplexidade.
Caramba! Essas criancinhas não sabem nada! (Angélica afirma muito segura de si, se referindo aos outros bebês e à sua desinformação sobre o que se possa fazer numa quadra de boliche.)
Didi (mãe de Tommy, tia de Angélica chega e diz): Voltei, crianças, já para creche!

(Leva todos a um local onde está a baby-sitter; moça, de cabelos cor de rosa, trajando um mini vestido e sapatilhas, com vestimentas que lembram um estilo mais fashion. Muito sorridente ela os tranquiliza)
Baby-sitter: Não se preocupe, senhora, eu fui treinada com todas as técnicas modernas de cuidar de crianças.
Didi: Ô! Isso é muito bom! Tchau, tchau crianças! (acenando para os bebês)
Angélica: Tchau tia Didi! Até logo mais!

Novamente vemos a mulher assumindo as funções educativas; no caso do episódio, tais funções estão encarnadas na personagem *baby-sitter*. Esta assume que, sendo imbuída de conhecimentos específicos — "treinada em modernas técnicas", saberá lidar com as crianças, bem como é conhecedora dos cuidados que se deve dispensar às mesmas. Entretanto, como veremos a seguir, quando a tia Didi parte, a *expertise* revela que seus conhecimentos são baseados no uso da TV!

Continuemos acompanhando o episódio. A personagem Angélica volta-se para a *baby-sitter* e com o dedo em riste vai lhe sinalizando e dizendo aos gritos: *Agora vamos entender uma coisa, número um: não sou criança! Número dois, você não é minha mãe! E, número três...* Neste exato instante a babá aciona o controle remoto da TV e liga num desenho animado onde se lê: *Dummi Bears* (Ursinhos Carinhosos) e, como se estivessem sendo atraídas por algum imã ou como num passe de mágica, todas as crianças do local seguem se aproximando da TV. A cena traça um panorama pela via do humor, das relações que muitas crianças estabelecem com um tipo de programação da TV; muitas permanecem longos períodos vidradas nas imagens e imobilizadas. Sobre isso Pacheco (1998, p. 73) refere que a tele-audiência coloca-se como uma eufemização de um ritual totêmico, que reforça o sentimento de pertença a uma dada "tribo". Tal programação se dirige a um universo infantil estereotipado. Os "Ursinhos carinhosos", com o nome de *Gummi Bears* (1980, *Disney*), existiram e geraram toda uma rede de produtos associada a sua imagem; o desenho envolvia histórias de uma família de ursos que habitavam uma floresta e lá viviam suas aventuras combatendo os malfeitores e solucionando problemas; usavam roupas semelhantes a de Robin Hood e tinham superpoderes adquiridos após a ingestão de uma poção mágica. Entretanto os ursinhos parodiados estão mais próximos da representação de outro desenho, os *Care Bears* (1985) produção que no Brasil também foi denominada Ursinhos Carinhosos. No desenho original, o cenário retratava os ursinhos entre fofas nuvens (uma espécie de céu de algodão, em tons pastéis), onde havia um arco-íris por onde deslizavam como num escorregador; o grupo de ursos cantarolava e sorria para os telespectadores como na paródia dos Anjinhos. Convocavam as crianças a participarem, cantando melodias

de poucas estrofes. Os episódios baseavam-se em regras de sociabilidade, valores como generosidade e na oposição bem/ mal, certo/ errado etc. Tais programações foram apresentadas na década de 80 em canais de TV que baseavam sua programação em princípios educacionais; propunham-se a desenvolver uma tarefa educativa extra-escolar. Dando seguimento a descrição do fragmento do episódio, vejamos seu desenrolar.

Angélica, como os outros bebês, parece hipnotizada pelo efeito do programa. Todos sentados em frente à TV repetem os chavões pronunciados pelo personagem que diz:

> *Ursinho: Alô, meninos e meninas! Meu nome é Urso Geléia, e estou muito feliz! Vocês estão felizes também? (Entra outro urso na cena e repete): feliz, feliz, feliz! Com os olhos vidrados, as crianças repetem: Feliz, feliz, feliz...*
> *Ursinho 2: Sou o urso mais feliz da terra dos ursos! Feliz, feliz, feliz... Happy, happy happy song! (Tommy sacode Chuckie que está também hipnotizado tentando acordá-lo. Todos os bebês saem dali sem que a baby–sitter perceba, pois a mesma está enamorada por um rapaz com quem conversa, absorta de tudo que se passa ao seu redor. A única a permanecer é Angélica, que não foi despertada do estado catatônico e permanece em frente à TV repetindo)*
> *Angélica: Cantem uma canção feliz, feliz.*

Após andarem pelo boliche, aprontando confusões, os bebês retornam e encontram Angélica sentada na mesma posição repetindo: *Eu estou feliz. Você está feliz. Cantem a canção: feliz, feliz, feliz.* Inclusive a *baby-sitter* está sentada no chão em frente à TV, hipnotizada e repete os mesmos chavões que as crianças.

No caso deste episódio de Os Anjinhos, vemos que a programação da TV "Os Ursinhos" não exige habilidade ou qualquer aprendizagem mais elaborada para a decodificação de seu discurso. Nesta crítica humorística da TV, o DA nos leva a refletir sobre o entretenimento, a TV e a caracterização de personagens mediante o recurso da criação de estereótipos.

Também podemos estabelecer algumas aproximações entre as cenas do DA e os espaços alternativos como as salas de recreação dos *Shoppings Centers* ou das lojas de grandes redes de *fast-food* como, por exemplo, o *Mac Donald's*. São ambientes estruturados para a diversão especialmente das crianças, espaços nos quais há pessoas "treinadas" para realizarem atividades lúdicas e outras que se propõem educativas, todas destinadas exclusivamente ao público infantil, nos momentos nos quais os pais ou responsáveis precisam ausentar-se, lancham, se divertem ou vão às compras.

Fontenelle (2002) nos fala sobre esta ênfase de abarcar consumidores, pela qual as grandes marcas voltam-se a um atendimento mais personalizado inovando a partir dos produtos oferecidos; no caso do *Mac Donald's*, a diversão é o produto. E assim tais espaços de forma apelativa se tornam refúgios utópicos que oferecem segurança. Como no episódio dos Anjinhos, há uma falsa segurança. Como afirma Kincheloe (2004, p. 397):

> uma cultura infantil dissimulada sempre existiu nos *playgrounds* e nas escolas. A cultura infantil do passado, no entanto foi produzida por crianças e propagada pelo contato criança-criança. Hoje, a cultura infantil pós- moderna é criada por adultos e disseminada através da televisão com o propósito de induzir as crianças a consumir.

3. AMARRANDO AS PONTAS OU PARA FALAR EM CONCLUIR

Tenho a convicção de que muitos outros elementos poderiam ter sido acrescentados ao cenário de análise desenvolvido neste trabalho. Inclusive novas questões a partir do movimento de outros objetos de pesquisa como os acima mencionados. Por certo esta versão simplifica algumas questões complexas como, por exemplo, os estudos de gênero; ainda assim, as análises aqui desenvolvidas indicam importantes processos, marcadores culturais que nos fornecem um pouco da dimensão que os desenhos têm em sua relação com este novo status de "infância" e de "criança" no contexto contemporâneo.

Descobrimos então que não se tratava de buscar um significado último que fosse a verdade, como acrescenta Barthes (2004, p. 174), algo determinado, mas "ao inverso, se trata de entrar, pela análise, no jogo do significante, na escrita, realizando pela investigação, o plural do texto".

Assim, procuramos, a partir da interpretação dos discursos contidos nas *Terríveis Aventuras de Billy e Mandy* e dos *Anjinhos*, não só salientar a importância destes artefatos culturais, considerando o caráter interpelativo e constitutivo dos DAs na produção de subjetividades, mas também expor, pela materialidade discursiva das narrativas, como estas identidades estão sendo fabricadas.

Nas análises desenvolvidas, tratamos de considerar a utilização do humor nas narrativas dos desenhos animados investigados e se pôde verificar o quanto o humor torna alguns estereótipos mais reconhecíveis que outros, possibilitando uma maior identificação por parte das crianças, também quando os DAs investem numa polarização masculino/ feminino ou na representação de certas disciplinas e saberes

escolares. A carga humorística presente nos DAs, bem como em outras produções, dispensa o politicamente correto; isto é, "não pode ser considerado aceitável ou inaceitável, sutil ou grosseiro, bom ou mau — o humor só pode ser analisado em relação ao propósito com que é utilizado" (ROSAS, 2002, p. 81). Ao longo das análises, nos deparamos com uma instituição escola, um ambiente escolar diferente da imagem referência padrão de escola, mas por outro lado, baseada em alguns parâmetros curriculares, rotina escolar e até mesmo processos avaliativos idênticos.

Especialmente verificamos o quanto estes DAs operam, instituindo parâmetros, estabelecendo pertencimento, incluindo uns, excluindo outros, supondo uma supremacia posta nas meninas, naturalizando determinados comportamentos e enfatizando as incapacidades ou as inabilidades do masculino. Buscamos, na seleção dos episódios apresentar, representar, problematizar as diferenciações entre professor/a, entre os gêneros, rompendo com imagens cristalizadas da representação de professora, embora se saiba que toda tentativa se constitui como um recorte e, como tal, parcial, já que existem muitos modos de exercer a docência tanto nas representações dos DAs como na vida! Estão sendo construídas novas relações nessas narrativas? Que relações são essas? Que implicações essas composições de escola, e de modos de ser docente podem constituir? As representações de meninas, de meninos e de professores são distintas das vistas anteriormente nos desenhos mais antigos, em outros produtos culturais para crianças, no próprio discurso familiar e escolar? Para este trabalho, interessou apenas pensar nos efeitos sociais destas representações, pois como formas culturais, certamente constroem identificações, não havendo a preocupação em valorar, julgar tais produções. Não se trata, enfim, de retirar a TV das casas ou censurar os desenhos animados! Mas de problematizar, duvidar, suspender sentidos, já que toda a representação inscreve, cria, modela, governa, produz saber e por isso mesmo subjetiva.

Assim, foram sendo desconstruídas algumas hipóteses inicialmente vivas, como à percepção do desaparecimento de algumas questões de gênero e o ressurgimento de outras, que se poderia englobar no significante "fragilização de masculinidades". Ao esquadrinhar o objeto a partir do material selecionado, percebemos também que algumas das representações de docência nos desenhos confirmavam a posição dos professores como os sábios, conhecedores no caso, "da magia de ensinar", mas por outro lado, também estavam produzindo outras nuances, a partir da representação de professora como a sem compaixão, sem ternura, sem afetividade e preguiçosa. Por outro lado vimos que mantinham alguns estereótipos,

como o do saber maior associado a professores homens, ou o domínio das "técnicas": o conhecimento centrado no/a especialista. E este, por sua vez, exercendo o governo dos infantis pela autoridade e castigo. Neste sentido cremos que, quando os desenhos refratam a imagem de professora, constroem, seja pela via da alienação ou pela da futilidade, outros discursos e nos abrem brechas, rompimentos que possibilitam questionar e, assim, podem estar produzindo novas identidades. A escola dos DAs pode ser visibilizada como divertida, tanto que os personagens valorizam o *status* de estar na escola, de frequentar a escola, mas certamente não há uma preocupação de representar ali uma imagem de educação adequada ou de boa escola.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O Grau Zero da Escrita**: seguido de novos ensaios críticos. Trad. Mário Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.). **Uma História Cultural do Humor**. Trad**.** de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.).Trabalho Docente e Profissionalismo. Porto Alegre: Sulina, 1995.

COUTINHO, Karyne Dias.Shopping Centers e Governamentalidade Neoliberal. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. pp. 175-177.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **O Nome da Marca**: McDonal'd, fetichismo e culturadescartavel. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

DAVEL, Alzira da Penha Costa. O Sabor do Humor. In: LINS, Maria da Penha Pereira;

CARMELINO, Ana Cristina (Org.). **A Linguagem do Humor.** Vitoria, ES: UFES/Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2009. pp. 7-20.

GOMES, Vitor. Um Dialogo com o Humor a Partir de Freud, Nietzsche e Bergson. In: LINS, Maria da Penha Pereira; CARMELINO, Ana Cristina (Org.). **A Linguagem do Humor**. Vitoria, ES: UFES/Programa de Pos-Graduacao em Estudos Linguísticos, 2009. pp. 144-157.

KINCHELOE, Joe L STEINBERG, Shirley R. (Org.). **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infancia. Tradução: George Eduardo Japiassu Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. pp. 203-234.

PACHECO, Elza Dias. Televisão, Criança, Imaginário e Educação. Sao Paulo, Campinas: Papirus Ed., 1998.

PILOTTO, Fatima Maria, driblando, bloqueando, cortando…representações de professores/as de Educação Fisica na literatura infanto–juvenil. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.). **Professoras que as Histórias nos Contam**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. pp. 173-184.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso.** Sao Paulo: Atica, 1992.

ROSAS, Marta. **Tradução de Humor**: transcriando piadas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Textos e Diferencas. **Leitura em Revista**, Ijui, ano 2, p. 19-22, jan./jun. 2002.

WORTMANN, Maria Lúcia C. Sobre a Ciência que se Aprende Fora da Escola e da Academia. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. pp. 175-177.